



DO JOVEM AO VELHO MARX:

as lutas contra a exploração, a dominação e a humilhação

Juliana Carvalho Miranda Teixeira¹

RESUMO:

Apresentar o debate marxiano e as perspectivas teóricas dos marxistas contemporâneos que comprovam a tese de que a dinâmica da luta de classes, motor e produto da história, envolve as três dimensões seguintes: luta contra a exploração; luta contra a dominação e por fim, contra todas as formas de humilhação. Esforço de superação teórica da dualidade que se estabelece na análise do pensamento marxiano, que prioriza por vezes o jovem Marx em detrimento das contribuições do Marx economista da maturidade, ou vice-versa.

Palavras-chave: Marxismo marxiano. Luta de classes. Marxismo.

ABSTRACT:

Present the marxian debate and theoretical perspectives of contemporary Marxists who support the contention that the dynamics of class-conflict, engine and product of history, involves the following three dimensions: the conflict against exploitation; conflict against domination and finally against all forms of humiliation. Theoretical effort to overcome the duality that is established in the analysis of Marxian thought, which prioritizes the young Marx sometimes to the detriment of the contributions of Marx economist at maturity, or vice versa.

Keywords: Marxian Marxism. Class-conflict. Marxism.

¹ Estudante Pós-Graduação. Universidade Federal do Maranhão (UFMA) / Université Paris 8 Vincennes - Saint-Denis. Email: juliana.cmt@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

Na transmissão do conhecimento acerca da contribuição teórico-prática singularizada pelo marxismo, a ortodoxia, diferentemente do sentido defendido por Lukács (1960) no qual se refere sobretudo à utilização do método marxiano para a realização de uma pesquisa no domínio do “ser social”, provoca certas distorções na leitura da realidade dos homens na era do capitalismo neoliberal globalizado, já que “esta inversão caricatural da obra de Marx e de seus sucessores não permaneceu confinada nas fronteiras da União Soviética” (VINCENT, 2004, p. 51),

Neste sentido, e para vários grupos de teóricos ortodoxos, “marxólogos” (LÖWY, 2012, p. 41) e por vezes mesmo antimarxistas, a dita primazia ontológica da base sobre a superestrutura definida como princípio metodológico, transforma o marxismo marxiano numa teoria do econômico ou economicista em que, conseqüentemente, figura tão somente a exploração do homem pelo homem no cenário da luta de classes ao longo da história apesar das inovações e transformações na configuração do sistema capitalista.

E o que de fato contribui de alguma forma para a propagação dos equívocos elencados acima, dentre outros, é que tende-se a realizar um “corte epistemológico” entre o jovem e o velho Marx ao se identificar o jovem Marx filósofo e o Marx economista da maturidade, a exemplo as análises althusserianas. Disto, alguns estudiosos chegam até a ser posicionar por um contra o outro, menosprezando a complementaridade, na maioria dos casos, entre suas obras, pois “as numerosas asserções aparentemente contraditórias que emergem de seus estudos são, de fato, complementares [...]. Elas resultam de abstrações diferentes, de diferentes abstrações de ponto de vista [...]” (OLLMAN, 2005, p. 113).

É neste sentido ainda que situamos a veemente afirmação de Lukács (2009, p. 159), para quem “é completamente falso, e isto corresponde simplesmente aos interesses de um pragmatismo tático e burocrático ignorante, de opor o jovem Marx ‘filósofo’ ao Marx ‘economista’ de maturidade”. Assim sendo, compreende-se que qualquer raciocínio de análise que se pretenda marxista deve partir do entendimento de que “a continuidade da problemática e do método não é jamais interrompida em Marx” (ibidem).



De certo, toda e qualquer separação no âmbito da produção marxiana só deve ser procedida com fins didáticos por movimentos de abstração tal como o fez o próprio Marx, que leva, conseqüentemente à compreensão, segundo Ollman (2005, p. 60) “do papel crucial deste processo para o método dialético”, e ainda de que abstrair um fenômeno significa isolá-lo, “tirar de”, no intuito de restituí-lo à totalidade em análise (LUKÁCS, 1960, p. 48).

Portanto, “o isolamento – por abstração – dos elementos, tanto de um domínio de pesquisa, quanto dos grupos particulares de problemas e de conceitos no âmbito de um domínio de pesquisa, é por certo inevitável” (ibidem), uma vez que se entende que “as vezes, mesmo no cotidiano, o ser real se desvela de uma maneira extremamente deformada” (LUKÁCS, 1985, p. 353).

O estudo das obras político-filosóficas do jovem Marx revela então o seu envolvimento combativo com as questões materiais, bem como sua inserção no mundo da política, com discussões sobre o Estado a sociedade civil pelo prisma hegeliano, com a sensibilidade para a situação dos pobres oprimidos – o proletariado (LÖWY, 2012, p. 55).

Mas o que constitui uma diferença extremamente importante, é que Marx, partindo das grandes questões filosóficas a priori, chegou na elaboração científica exata das lutas cotidianas (com suas perspectivas na história universal) [...] (LUKÁCS, 2009, p. 161).

Em geral, foi ainda nos anos de juventude que Marx rompeu com o hegelianismo de esquerda, e trilhou, segundo a análise de Löwy (2012, p. 92), o “caminho rumo ao comunismo e das relações gerais entre o pensamento revolucionário e as massas”, entendido que um dos procedimentos essenciais para o entendimento deste processo de evolução é o estudo do momento histórico-social da qual faz parte, no caso em questão, o da sociedade capitalista do século XIX etc. No entanto, isto não deve induzir a perpetuação da ideia de que o pensamento de Marx “é um simples ‘reflexo’ dessas condições econômicas, sociais, políticas, mas ela não pode ser ‘explicada’ [...] sem essa análise socio-histórica” (ibidem, p. 31).

Assim, tem-se que

a cada época histórica, os modos de produção e de troca – e a estrutura social decorrente necessariamente desta – são os fundamentos sobre os quais se edifica a história política e intelectual



da época, [...]; em consequência, toda história da humanidade [...] é a história da luta de classes, luta entre exploradores e explorados, as classes dominantes e as classes oprimidas [...]" (ENGELS, 1888 apud MARX, 1971, p. 15).

O objetivo desse breve estudo é apresentar a discussão em torno de algumas obras marxianas, sem a distinção teórica e preferencial entre o que fora produzido pelo jovem Marx em detrimento dos escritos da maturidade com a clara finalidade de demonstrar, mesmo que em linhas gerais, os diversos momentos em que o autor em questão denunciou o sistema capitalista enquanto um sistema que promove a desigualdade entre os homens, mantendo as condições que fazem com que a luta de classes continue a existir na forma tanto de luta contra a exploração, quanto de luta contra a dominação e contra a todas as formas de humilhação.

2 O PENSAMENTO MARXIANO NA SEQUÊNCIA DA HISTÓRIA: do jovem ao velho Marx

A contribuição marxiana para o entendimento da condição de desigualdade entre os homens eles mesmos, antecede os escritos que tratam do desenvolvimento do capitalismo a partir da experiência singular inglesa. Nestes últimos, a compreensão da luta contra a exploração diante do processo de produção mercantil, torna-se ontologicamente primordial para se pensar a totalidade contraditória ora em movimento, ou seja,

Marx com efeito, expôs nas suas grandes obras da maturidade, a crítica das sociedades de classe e as perspectivas de luta contra elas, bem como da derrocada desse sistema pelo socialismo" (LUKÁCS, 2009, p. 161).

Desde os escritos de juventude, manifestava-se no então hegeliano o "otimismo revolucionário" que culminaria, nos escritos posteriores, na defesa de outra forma de sociabilidade entre os homens. Quando da "ruptura" com o hegelianismo, compreende criticamente a partir de uma base concreta que "a humanidade adquire o domínio da natureza, mas, ao mesmo tempo, o homem devém escravo dos homens e de sua própria infâmia." (MARX, 1856, p. 1).



Mas foi somente com a *Crítica da filosofia do direito de Hegel* que Marx faz explicitamente e pela primeira vez, conforme Löwy (2012, p. 89), a referência ao proletariado como a “classe social que possa desempenhar o papel de **base material do pensamento** revolucionário” (ibidem, grifo nosso) capaz de guiar os homens para o entendimento de que “[...] o homem é, para o homem, o ser supremo”, contrariamente aos preceitos religiosos, e que, portanto, é preciso “[...] destruir todas as condições sociais em que o homem é um ser **humilhado**, escravizado, abandonado, desprezado [...]” (MARX, 1998², p. 25, grifo nosso).

Revela-se então, antes mesmo da necessidade de suprimir as condições que fazem com os homens explorem outros homens diante do processo de produção e reprodução capitalista, lúcida percepção de uma não menos relevante dimensão que engendra a dinâmica da luta de classes, a saber, da luta contra todas as formas de atentado à dignidade humana sob a forma da humilhação.

Ainda nesta perspectiva, vale salientar que nos *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844, redigidos em Paris e publicados pela primeira vez em Leipzig, em 1932, Marx já denunciava a desumanidade do capitalismo e a infâmia de suas turificações, bem como, em linhas gerais, os sentidos da dominação econômica sob a análise da categoria da alienação, destacando assim outro aspecto significativo quando se pensa no movimento da luta de classes.

A alienação do operário no seu objeto se exprime [...], da maneira seguinte: [...], mais ele cria valores, mais ele se deprecia e perde sua dignidade, [...], mais seu produto tem forma, mais o operário é disforme, mais seu objeto é civilizado, mais o operário é bárbaro, [...]. (MARX, 1996, p. 111).

Ou seja, “a produção não produz somente o homem como mercadoria, [...]; ela o produz em conformidade com esta definição, como um ser desumanizado tanto intelectualmente quanto fisicamente [...]” (MARX, 1996, p. 127), em tal grau que “uma classe oprimida [torna-se] a condição vital de qualquer sociedade baseada no antagonismo das classes” (MARX, 2001, p. 151).

A revolução protagonizada pela “sociedade burguesa” (MARX, 1971, p. 19) ou pelos “capitalistas industriais contra o poder feudal e seus privilégios revoltantes,

² A contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel foi publicada no primeiro número dos *Anais Franco-Alemães*, em fevereiro de 1844 (in MARX, 1998, p. 43).



contra as corporações e os embaraços que elas criavam ao livre desenvolvimento da produção e à livre exploração do homem pelo homem” (MARX, 1975, p. 830), não fez mais do que substituir às antigas, novas classes, novas condições de **opressão**, novas formas de luta” (idem, op. cit., p. 19, grifo nosso).

No sentido da produção do velho Marx, quando faz *remarcas complementares sobre a submissão formal do trabalho ao capital* retomando sob determinados aspectos o processo de produção, Marx (1971, p. 79) constata que se desenvolve no momento deste último, “uma relação de dominação e de subordinação, do fato de que o capitalista consome doravante a força de trabalho, logo a vigia e a dirige” e conclui desta forma que “certamente, esta relação de produção em si cria um novo sistema de dominação e de subordinação, que, em sua aparência, se manifesta, entre outras, sob a forma de **dominação** política” (ibid., grifo nosso). Por conseguinte, tem-se ressaltada a terceira dimensão da luta de classes referida, para além da determinação econômica que em primeira instância demarca os limites da exploração do homem pelo homem.

Dos escritos marxiano (ainda do jovem Marx), é possível identificar, para além da denúncia de um Estado não universalista, a atitude humana de Marx que resulta, dentre outras, na defesa “intransigente” da dignidade humana, pois é “a alienação, a desumanização, a reificação, este tornar-se mercadoria de todos os homens e de toda coisa, que o capitalismo encorajou de maneira crescente” que constitui para Marx “o inimigo hereditário para o qual o capitalismo deu mais do que nunca a ocasião de trinar” (BLOCH, 1991, p. 538).

3 POR UMA COMPREENSÃO DA LUTA DE CLASSES NA CONTEMPORANEIDADE

A ideia da divisão da sociedade em classes dentre as classificações de Marx, é a que mais sofre com os mal-entendidos procedidos em busca de definições claramente delimitadas e permanentes. O que de fato sucedeu-se nas análises marxianas em torno da sociedade fragmentada em classes foi que ele “agrupou os muitos indivíduos sem a inclusão de todos os elementos que os caracterizam” (OLLMAN, 2005, p. 69-70).



Disto decorre que para uma análise dialética da luta de classes, deve-se considerar, além de outros, o fator classes sociais e desta maneira, que “o número de classes e o sentimento de pertencer a uma classe de uma pessoa variam [...]” (ibidem), por conseguinte, “toda objetividade produzida ou produtora é histórica [...]” (LUKÁCS, 2009, p. 299). Até porque e “evidentemente, o fim de Marx não era de chegar à uma classificação trincheira e eterna das classes da sociedade capitalista”

Enfim, a partir dos aspectos considerados acima, a noção de que é preciso entender a luta de classes para além da exploração, no intuito de perceber os elementos de dominação e de humilhação às quais estão submetidos os sujeitos ora oprimidos, foi revista e reafirmada por marxistas contemporâneos, tais como Bloch (1991, p. 538) ao afirmar que

[...] o marxismo não é finalmente outra coisa senão uma luta impiedosa contra a desumanização trazida em seu apogeu pelo capitalismo, resulta disto também que o marxismo autêntico, dadas as suas motivações, a luta de classes e seu objetivo, não é outra coisa, não pode ser outra coisa e não será outra coisa que a promoção da dignidade humana.

Deste modo particular, “no berço do marxismo, não há somente a parcialidade econômica para os explorados e oprimidos, há também a parcialidade, [...], para os humilhados e ofendidos – parcialidade que se conhece em matéria de lutas pela dignidade humana [...]” (BLOCH, 2002, p. 225).

“A luta de classes, representando a soma das contradições entre os trabalhadores em amplo sentido e os capitalistas, existe simplesmente, e de um modo ou de outro nós já participamos dela” (OLLMAN, 2005, p. 34), ora diferenciados fisicamente por gênero, por raça, ora separados geograficamente pelo campo ou pela cidade, ou ainda e simplesmente, por obra dos homens ao longo da história: “[...] de um lado os patrões, os homens dignos deste nome – do outro os sub-homens, tratados como os animais, com os mesmos métodos: dominados, explorados, humilhados.” (LEFEBVRE, 1992, p. 73).

É preciso redescobrir a luta de classes a partir dos problemas cotidianos concretos, específicos de cada momento historicamente determinado, outrora com a questão dos operários explorados, hoje das mulheres e das minorias humilhadas e



dominadas por um sistema que “destroi o meio-ambiente, promove guerras e que sempre propagou a miséria” (VAKALOULIS; VINCENT; ZARKA, 2003 p. 31).

4 CONCLUSÃO

O debate acerca do significado na contemporaneidade da luta de classes foi, como exposto brevemente acima, deturpado e reduzido por muito tempo por certas vertentes marxistas por vezes ortodoxas; da mesma forma “a história das lutas sociais e das lutas de emancipação foi retrospectivamente deformada” (VINCENT, 2004, p. 54).

O desafio é então de se apropriar do passado do século XX para além dos esquemas simplistas, e esta necessária reapropriação do passado e da memória, ainda segundo Vincent (2004, p. 54), não pode ser separada de um reexame das análises que estão sendo feitas do capitalismo, quer-se dizer, análise das contradições que mantêm o *status quo*.

Deste modo, a partir da referência ao momento conjuntural presente, tem-se como proposição primeira para se pensar a dinâmica da luta de classes em suas múltiplas dimensões que “os movimentos da economia e os processos sociais se perturbam reciprocamente em permanência, mesmo quando na aparência não exista crise maior” (VINCENT, 2004, p. 55), isto, para não se cair na armadilha do marxismo ortodoxo que centra seus esforços teóricos nas contradições propriamente econômicas do capitalismo.

Redescobrir a luta de classes enquanto um movimento real pressupõe o reconhecimento da necessária “resistência à exploração econômica, mas também, e isto não é secundário, resistência dos trabalhadores à sua redução ao estado de força de trabalho servil e descartável” (ibidem, p. 58-59). E além da inclusão dos explorados,

o internacionalismo de hoje não pode fazer o impasse sobre questões tão importantes (2004, p. 62). No contexto da barbárie capitalista, as mulheres ocupam posições inferiores e acumulam obrigações e fardos. Vale ressaltar por exemplo que elas constituem de certa maneira a base da relação social de produção capitalista e de sua reprodução. [...], elas são deste, uma condição de possibilidade essencial e nenhum [momento] para além do capitalismo poderá se



produzir sem que elas sejam emancipadas, sem que as relações sociais sejam radicalmente transformadas” (p. 57).

Disto, quando fala-se hoje de movimento social, lutas sociais ou abertamente de luta de classes, pode-se avançar que estas devem buscar força criando novos vínculos sociais entre os oprimidos e os explorados, suscitando assim interlocuções que não sejam mais ditadas pelo mercado e pela lógica de valorização, e que extrapolem os limites do “obreirismo”, da figura do operário e do vanguardismo partidário .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Ernst. **Le principe espérance: les images-souhais de l'Instant exaucé.** Tome III, partie V. Paris: Éditions Gallimard, 1991.

_____. **Droit naturel et dignité humaine.** Paris: Éditions Payot & Rivages, 2002.

ENGELS, Friedrich. Préface de l'édition anglaise de 1888. In: MARX, Karl. **Le manifeste du Parti Communiste.** Paris : Union Générale d'Éditions, 1971.

LEFEBVRE, Henri. **Éléments de rythmanalyse: introduction à la connaissance des rythmes.** Paris: Éditions Syllepse, 1992

LÖWY, Michael. **A teoria da revolução no jovem Marx.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

LUKÁCS, Georg. **Histoire et conscience de classe.** Paris: Les Éditions de Minuit, 1960.

_____. **Textes.** Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1985.

_____. **Prolégomènes à l'ontologie de l'être social.** Paris: Éditions Delga, 2009.

MARX, Karl. **Un chapitre inédit du Capital.** Paris: Union Générale d'Éditions, 1971.

_____. **O Capital.** Livro I, vol. II. Rio de Janeiro : Editora Civilização Brasileira, 1975.

_____. **Manuscrits de 1844.** Paris: GF Flammarion, 1996.

_____. **Contribution à la critique de la philosophie du droit de Hegel.** Paris: Éditions Allia, 1998.



_____. **Miséria da Filosofia.** Resposta à Filosofia da Miséria de Proudhon. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. Les révolutions de 1848 et le prolétariat. **Marxistes, les auteurs marxistes en langue française,** [s.l.], 1856. Disponível em: <www.marxists.org/francais/marx/works/1856/04/km18560414.htm>. Acesso em: 04 fev. 2013.

OLLMAN, Bertell. **La dialectique mise en œuvre:** le processus d'abstraction dans la méthode de Marx. Paris: Éditions Syllepse, 2005.

VAKALOULIS, Michel; VINCENT, Jean-Marie; ZARKA, Pierre. **Vers un nouvel anticapitalisme:** pour une politique d'émancipation. Paris: Éditions du Félin, 2003.

VINCENT, Jean-Marie. Le trotskysme dans l'histoire. **Critique Communiste,** Montreuil, n. 172, 2004, pp. 48-64.